

DEUS OU O DEMO - PARA O JAGUNÇO RIOBALDO: UM VIÉS PSICOLÓGICO EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

Lucas Silveira Fantini da SILVA³⁵

RESUMO: Este artigo dispõe-se a uma análise crítica do romance *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, amparada na psicologia junguiana, com enfoque específico nas motivações psicanalíticas que levam o ex-jagunço Riobaldo, protagonista da obra, a representar inconscientemente, em seu relato autobiográfico, Deus e o Diabo como símbolos da formação de sua própria personalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa; Grande sertão: veredas; metafísica; psicanálise; C. G. Jung;

Sem dúvida, *Grande sertão: veredas* (1956), *magnum opus* de João Guimarães Rosa, é uma das mais importantes realizações de toda a literatura brasileira e ocupa seu lugar no cânone nacional com justificados méritos. Antonio Candido não hesita em rotulá-lo de “extraordinária obra-prima” logo na primeira sentença de seu célebre ensaio *O homem dos avessos* (1964) para continuar com não menos prestimosas considerações até finalmente concluir que o Sertão, cenário do romance, é uma representação do mundo em sua heterogeneidade e que o processo de formação sofrido pelo protagonista afeta a nós, leitores, de maneira positiva em direção ao autoconhecimento: “Entre-mos nessa realidade fluida para compreender o Sertão, que nos devolverá mais claros a nós mesmos e aos outros. O Sertão é o Mundo.” (CANDIDO, 1964, p. 130).

O universo em que o romance nos insere dá indícios de sua natureza *sui generis* desde o título. Segundo Paulo Rónai (1956), o sinal de dois pontos entre *Grande sertão* e *veredas* “teria valor adversativo, estabelecendo a oposição entre a imensa realidade inabrangível e suas mínimas parcelas acessíveis” (RÓNAI, 1956, p. 21). Portanto, para adentrar nas entranhas desse mundo aparentemente insondável, um “mundo misturado”, como diria Davi Arrigucci Jr. (1994), é preciso

³⁵ Graduando em Licenciatura em Letras pelo IBILCE/ UNESP - Campus de São José do Rio Preto, SP, Brasil. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Bolsista PIBIC/CNPq.

escolher enveredar-se por um caminho, que, infelizmente, não é capaz de abarcar a sua totalidade.

Dada a impossibilidade metodológica de abraçar o romance por completo, o trabalho da crítica literária em *Grande sertão: veredas*, antes de qualquer coisa, é um cruel trabalho de escolha de abordagem: prioriza-se algum elemento da narrativa em detrimento de uma análise interpretativa ou vice-versa. Uma vez que "cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício" (CANDIDO, 1964, p. 111) e "cada um o que quer aprova" (ROSA, 1956, p. 30), qualquer posicionamento analítico-interpretativo que se estabeleça diante do *Grande Sertão*, fundamentado pela própria obra e/ou amparado em outras áreas do saber, tem validade garantida pela dinâmica que é marca do romance, a saber, a integração dos diversos caminhos, trilhas e veredas possíveis de serem percorridos pelo homem com os variados olhares que podem partir de cada um em sua travessia pelo imponderável Sertão.

A obra é um romance de formação, cuja narrativa em primeira pessoa flui ininterruptamente sem divisão de capítulos. Nela acompanhamos o relato de Riobaldo, fazendeiro de vida tranquila na velhice e guerreiro jagunço em sua mocidade, a respeito dos eventos mais significativos de sua vida, que serão responsáveis, afinal, pela constituição de sua personalidade. Dirige-se a um interlocutor que se mantém oculto, interferindo minimamente no depoimento, sendo sua presença notada apenas por interjeições do narrador protagonista.

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. (ROSA, 1956, p. 138)

Riobaldo revisita seu passado abertamente para se redescobrir e atribuir significados novos às suas experiências frente ao juízo de alguém "assisado e instruído" que lhe inspira respeito, confiança, segurança e sabedoria. Seu depoimento é franco, recheado de reflexões

acerca das situações que expõe e permeado de uma autocrítica mordaz. Riobaldo, em busca de redenção por seus atos e escolhas, desnuda todos os seus conflitos e se aprofunda dentro de si para dissecar a natureza de todos os seus demônios, na tentativa de estabelecer alguma ordem e fazer brilhar alguma luz nas trevas do seu caótico mundo interior.

É, pois, uma personagem complexa que vacila entre extremos: possui uma natureza rústica, primitiva, bárbara e violenta, mas, ao mesmo tempo, é contemplativo, sensível, civilizado e intelectual. Riobaldo foi guerreiro jagunço, assim como foi professor e aspirante a poeta; colecionou mortes com a mira letal de seu rifle e soube se entregar aos sentimentos sublimes do amor. Não só atravessou os estratos sociais de seu meio, indo de guerreiro covarde a lendário chefe jagunço e da miséria na infância a opulência como dono de terras na maturidade, mas também experimentou as diversas manifestações do amor, entregando-se à prostituta Nhorinhá, na esfera do amor puramente carnal, “no cetim do pelo”; apreciando a superioridade da beleza e da pureza da donzela Otacília, na transcendente esfera do amor espiritual; e sofrendo do amor impossível pelo companheiro Diadorim, que, além de espiritual e sexual, também foi fraternal e maternal. “Otacília, eu não merecia. Diadorim era um impossível.” (ROSA, 1956, p. 608)

No âmbito da ética, Riobaldo derrapa na relatividade da moral humana e raramente impõe certezas sobre o bem e o mal, flutuando de um para o outro conforme relata suas experiências de vida. Assim, no âmbito metafísico, podemos observar com maior evidência o quanto podem ser extremos os conflitos da personagem; afinal, antes de tornar-se devoto a Deus, ele entrega-se ao Diabo por meio de um pacto. “Deus ou o demo – para o jagunço Riobaldo” (ROSA, 1956, p. 525), vocifera o protagonista no período crítico de sua crise, nas Veredas Mortas.

Por vezes o narrador constata que a razão do que viveu, sofreu, sentiu e experimentou é-lhe inalcançável e, conseqüentemente, no intuito de decifrar-se para descobrir o que pode tê-lo motivado e incentivado a agir como agiu e o que pode ter provocado os sentimentos

que o inquietaram, Riobaldo constrói causalidades simbólicas estabelecidas na ordem do mito. A mais significativa de todas elas é a sua conceituação particular do Diabo. O ser demoníaco, como representação do Mal que se sustenta pela realidade caótica do mundo, está presente desde o subtítulo "O diabo na rua, no meio do redemunho...", até às considerações finais de Riobaldo nas últimas linhas do romance: "O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano." (ROSA, 1956, p. 749), tendo Riobaldo, para isso, apreendido várias elucubrações, que percorrem toda a extensão da narrativa, sobre o *capeta*, o *demo*, o *Lúcifer*, o *diá*, o *Barzabú*, o *Que-Diga* ou o *Das-Trevas*. "E o demo - que é só assim o significado dum azougue maligno - tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo." (ROSA, 1956, p. 34) Logo, a natureza difusa e dúbia do Diabo funciona como o fio condutor do romance, contrastando com a firmeza e a certeza que ele tem da presença de Deus. "Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele..." (ROSA, 1956, p. 71) Assim, concluímos que a relação entre essas representações simbólicas seja a grande síntese dos conflitos interiores de Riobaldo.

Diante da estrutura do romance como relato em primeira pessoa e do intuito autoelucidativo imposto pelo narrador-protagonista na narrativa, optamos por deslindar a presença do grande símbolo de Deus e do Diabo sob o viés do estudo psicológico da personagem, especificamente pela psicologia analítica de matriz junguiana.

O arcabouço teórico de Carl Gustav Jung concebe-se a partir de vasto repertório de mitos, lendas e superstições das mais diferentes culturas de todas as épocas da história. Seu conhecimento apurado sobre o simbolismo e os rituais do homem das eras passadas, associado à sua visão sobre os elementos culturais da vida na modernidade, pôde embasar sua teoria de que existem comportamentos humanos que obedecem a padrões universais e são manifestos por meio de signos semelhantes. Tais signos, ou imagens, obedeceriam a modelos inatos, que, por sua vez, estariam condicionados pelo nível mais primitivo e, portanto, mais profundo da mente humana: o *inconsciente*

coletivo, um reservatório das experiências ancestrais que nos condicionam instintivamente enquanto espécie; e que é, portanto, compartilhado com toda a humanidade. O inconsciente coletivo seria uma dimensão mais ampla do ser; distinta da noção de inconsciente estabelecida por Freud como um reles depósito dinâmico de experiências vividas pelo indivíduo. Nesse caso, para os conceitos junguianos, isso seria uma outra dimensão, mais próxima da consciência: o *inconsciente pessoal*, uma esfera particular ao sujeito, que, todavia, é orientada pelo nível coletivo. “Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são *arquétipos* que existem sempre e *a priori*.” (JUNG, 1951, p. 6)

Aos signos que afetam nossos comportamentos e que estão acumulados na esfera coletiva do inconsciente, Jung deu o nome de *arquétipo*. Eles são imagens primordiais que abrigam “predisposições ou potencialidades no experimentar e no responder ao mundo tal como os antepassados” (HALL & NORDBY, 1973, p. 32). Os arquétipos são inumeráveis e cada um carrega em si uma função simbólica gerada pelo inconsciente coletivo; os que mais nos interessam são: o *Self* e o *Sombra*.

Jung admite que a psique humana se orienta para o desenvolvimento da personalidade por meio do processo de *integração*, que, por sua vez, é a *individuação* dos vários aspectos que compõem a psique, ou seja, seu desenvolvimento, complexificação e diferenciação, cuja finalidade é a *transcendência* do *eu* para o *Self*.

A transcendência, segundo Jung, visa atingir a totalidade de tudo que há no ser em potencial, e isso só é possível pela tomada de consciência sobre a composição da nossa própria subjetividade e seu consequente desenvolvimento a ponto de extravasar os limites discerníveis das mais rigorosas categorizações, que estarão diluídas na totalidade do nosso ser em estado de unidade. Só assim poderemos orientar a maneira como atuaremos no mundo e pertenceremos a ele com absoluto autocontrole e na mais plena harmonia. Mas Jung ressalta que, embora a transcendência seja a finalidade do nosso ser, ela

é quase impossível de se atingir, sendo Jesus Cristo, no mundo ocidental, e Buda, no mundo oriental, alguns raros exemplos de homens que conseguiram tal nível de elevação e, por causa disso, foram sacralizados. Resta-nos a eterna tentativa de atingir a nossa unidade interior para, enfim, atingirmos a unidade com o cosmos. Em termos roseanos, resta-nos a *Travessia*. "Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia." (ROSA, 1956, p. 97)

O grande dilema da existência humana é, pois, aprender a conciliar as forças contrárias que emanam de si para atuar no mundo de modo equilibrado. Aprendizado este que não se finda, pois é o que motiva o homem pela vida.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, 1956, p. 48)

Vale destacar que o otimismo de Riobaldo na sua velhice diante dessa realidade vem à custa de um longo e árduo processo de formação pessoal que esbarrou em graves crises pessoais e dilemas morais, mas que, apesar de certa estabilidade, não cessou com o aprendizado dos anos, pois o propósito de seu relato em *Grande sertão: veredas* é a revisitação de sua vida para um mais profundo autoconhecimento; e o maior fantasma que nunca cessou de assombrar o velho jagunço é a sua face negativa e demoníaca: o seu *Sombra*.

Nas digressões das primeiras páginas do romance, Riobaldo tem a preocupação dominante de conceituar a maldade humana ao mesmo tempo em que a associa com a natureza do demônio. Temos, portanto, a apresentação da ética da personagem, muito influenciada pela ética da vida jagunça, e as suas primeiras considerações sobre a entidade ou fatores malignos que levam os homens a agirem de maneira criminosa. Para Riobaldo, imerso no Sertão, um ambiente hostil e perigoso, o Mal, ou seja, as atitudes de caráter recriminável a que o

homem está sujeito, é a barbárie primitiva: o ímpeto agressivo descontrolado e a prática da violência por prazer, que, invariavelmente, acarretam na destruição ou prejuízo físico, psicológico ou material dos outros, muitas vezes inocentes. Orientado pela ética guerreira, em que o uso da violência é controlado em prol da manutenção de uma causa, Riobaldo busca equilibrar-se, por meio da recusa de se entregar ao Mal, canalizando a violência que jaz em si para defender a justiça, de modo a punir somente quem merece de acordo com seu julgamento, e procurando, pois, fazer o Bem pelo mesmo meio em que opera a maldade; paradoxalmente, eliminando o Mal da mesma maneira com que o Mal age.

No entanto, estamos tratando de uma personagem complexa, portanto sensível à relatividade da moral e que, por isso, questiona constantemente a justificativa e a justeza dos seus atos. O que separa o herói de um vilão é a empatia com os outros e a conscientização severa da consequência do seu agir para que, assim, direcione a agressividade de sua natureza a uma causa que beneficie não só a si mesmo; preocupa-se, pois, em manter o esforço de impedir a livre pulsão de sua barbárie interior. Riobaldo nos diz: “Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar o justo” (ROSA, 1956, p. 38), logo, o herói busca a sabedoria para guiar a prudência de seus atos e ser exemplo aos demais; porém, delinear o Mal e o Bem é, para o protagonista, uma questão atormentadora, “Neste mundo tem maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons?” (ROSA, 1956, p. 395), e a conclusão a que chega é de que flutua de um lado para o outro, perdendo-se na fronteira opaca entre os dois.

A grande questão para Riobaldo é saber de onde emana ou o que inspira esse Mal que está em toda parte, ficando-nos claro em suas exposições que se trata de uma força demoníaca. Como consequência, toda elucubração sobre o Mal que ele faz recai para si, principalmente no que se refere à sua relação com o chefe jagunço Hermógenes, que é visto repulsivamente como a encarnação da maldade. O Mal é sintetizado na figura do Diabo que existe dentro do homem, não é visto como uma criatura, mas como uma força incontrollável da

natureza humana, à qual Hermógenes é entregue de corpo e alma e que, por isso, merece o asco de Riobaldo.

"Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado ou o homem dos avessos. Solto por si, cidadão, é que não tem Diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo." (ROSA, 1956, p. 33)

Portanto, a motivação do Mal como potência destruidora é o Diabo inato em cada indivíduo, e cabe ao homem o esforço de não se permitir ser possuído por ele.

Se para Riobaldo o que há de bárbaro e bestial na natureza humana corresponde ao Diabo que há no homem, para a psicologia analítica a correspondência se dá pelo arquétipo de Sombra, sendo o Diabo um dos seus símbolos, representado na consciência do sujeito para dar sentido a esse traço da psique. Para Jung,

Nesta faixa mais profunda o indivíduo se comporta, relativamente às suas emoções quase ou inteiramente descontroladas, mais ou menos como o primitivo que não só é vítima abúlica de seus afetos, mas principalmente revela uma incapacidade considerável de julgamento moral. (JUNG, 1951, p. 50)

Desse modo, o grande conflito de Riobaldo a respeito do Diabo é, de fato, o desenrolar do seu processo de individuação do arquétipo de Sombra, ou seja, é o tumultuado e relutante reconhecimento sobre a natureza maligna que há em si. Jung ressalta que

é bem possível que o indivíduo reconheça o aspecto relativamente mau de sua natureza, mas defrontar-se com o absolutamente mau representa uma experiência ao mesmo tempo rara e perturbadora. (JUNG, 1951, p. 8)

Tal trabalho exige muito do vigor mental do sujeito que se dispõe a encarar seu Sombra, pois ele deve estar preparado para enfrentar grandes dilemas morais, afinal, esse arquétipo, um dos mais antigos do inconsciente coletivo, pautado essencialmente na violência, corresponde a um dos mais fortes traços da personalidade, e é preciso

saber como desenvolvê-lo, não livremente, pois ele é perigoso, mas de maneira controlada para que o Sombra não passe a exercer o absoluto controle.

Tomando como metáfora a imagem do buriti, palmeira que cravada na aridez do Sertão é capaz de atingir altura imensa – símbolo recorrente na obra de Rosa – dessa vez com as palavras de Jung, “Árvore nenhuma, sabemos, cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno” (JUNG, 1951, p. 50). Riobaldo deve, portanto, atravessar o inferno pessoal do seu Sombra para alçar à unidade cósmica do Self.

A certa altura do romance, Riobaldo propõe o questionamento:

quem sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? Ou que Deus – quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o próximo de Deus é em figura do Outro? (ROSA, 1956, p. 68)

O que implicaria uma aproximação em equivalência, de modo a gerar ambiguidade e confusão entre Deus e o Diabo, este agindo por intermédio daquele ou de maneira indiferenciada um do outro. Jung reconhece que a relação entre Deus e o Diabo é mais significativa que o simples maniqueísmo, pois representa as projeções simbólicas do sujeito a respeito do próprio trabalho de integração e harmonização das diversas e contraditórias estruturas da sua psique, sendo o Diabo ligado à natureza humana primitiva, terrena e ordinária, e Deus ligado ao desejo de alçar à esfera superior divina, transcendendo a matéria, rumo à apoteose. Deus, portanto, é um símbolo que sintetiza o ímpeto de transcendência do arquétipo de Self e se mostra como um motivador para que o homem alcance esse objetivo máximo de existência. Para tanto, é preciso conciliar ambas as forças, de maneira que, pelo Diabo, chegue-se até Deus sem que um elimine o outro, mas equilibrem-se paradoxalmente.

Naturalmente isto não pode ser entendido senão como um paradoxo, pois uma integração dos opostos só pode ser concebida como um aniquilamento dos mesmos. O paradoxo é inerente a todos os

fatos transcendentais, porque eles traduzem adequadamente seu caráter indescritível. (JUNG, 1951, p. 65)

A doutrina cristã, que molda o pensamento da civilização ocidental, ao separar antagonicamente Deus e o Diabo, impõe valores que impedem o sujeito, submisso ao código moral do cristianismo, de individuar seu Sombra. Riobaldo não se limita a isso: "Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio..." (ROSA, 1956, p. 39) e, por essa causa, seu Deus é universal, representa o sentimento de alçamento ao divino de todas as religiões, não sendo impedido, por fim, de atuar junto ao seu Sombra, como deve ser, para atender a seus propósitos existenciais.

A trajetória de Riobaldo não seria possível sem a intervenção crucial de algumas outras personagens. O velho jagunço indica-nos que errou sem rumo pela vida até encontrar um esteio em Diadorim, a quem se submete em devoção e autêntica fidelidade, a ponto de sofrer as agruras da difícil vida de jagunço só para estar ao lado do companheiro, nutrindo por ele verdadeiro amor. "As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim." (ROSA, 1956, p. 65), "Diadorim tomou conta de mim." (ROSA, 1956, p. 252), "Mas Diadorim, por onde queria, me levava." (ROSA, 1956, p. 258). Para Antonio Candido, "A ambiguidade maior que existe é o caso do Diadorim [...] A força do *Grande sertão: veredas* para mim é exatamente essa, é a ambiguidade, é o paradoxo, é o deslizamento constante de sentido, que tem o símbolo máximo do homem que é mulher." (CANDIDO, 2001, p. 24-25). Diadorim carrega em si, ao mesmo tempo, além da ambiguidade de gênero da donzela guerreira travestida de jagunço, a violência de um bravo guerreiro e a sensibilidade lírica de um apreciador da natureza; além de ser um amigo fiel nas armas e atencioso e zeloso companheiro para as horas de paz.

Segundo Jung, a tensão entre forças opostas no processo de integração da psique motiva o surgimento do arquétipo da *Criança Divina*, que é símbolo da unidade, isto é, da união harmoniosa entre elementos antagônicos, cuja característica maior é a androginia. A Criança Divina assume a forma infantil, pois a criança traz consigo uma

sabedoria reminiscente e representa a origem do homem. Está, portanto, atrelada ao ser ainda não corrompido pela experiência do mundo e nada nela ainda se diferenciou, já que veio ao mundo em estado de completude e nenhum conflito lhe é insolúvel ou misterioso, pois sua essência é o eterno conflito de elementos divergentes, unidos, paradoxalmente, num estado de graça harmônica. A Criança é Divina, pois vem de uma esfera superior com uma missão a cumprir: guiar os homens pelos embates da vida com seu conhecimento imanente que transcende o mundo empírico. Esse arquétipo emerge no sujeito em fase de amadurecimento, que está em crise com o caos da existência e se acha intimidado pela natureza conflituosa do mundo, para dar orientações e instigá-lo à vida nas melhores maneiras. É mais do que um conselheiro, é aquele que dá a mão, mostra o caminho e insufla esperança rumo à unidade do Self.

Pensemos agora em Diadorim, ou melhor, em Diadorim Me-nino, a quem Benedito Nunes, em seu ensaio *O amor na obra de Guimarães Rosa* (1969) atribui acertadamente o arquétipo da Criança Divina como pertencente à “família do infante mítico”:

Nele o divino e o diabólico são permutáveis e simbolizam dois momentos da aventura que se realiza no homem – o momento ancestral, do velho ser humano dividido, que permanece presa das forças elementares, materiais e sensíveis, e o momento por vir, que lentamente prepara, da transformação do humano em divino, e em relação ao qual a vida constitui uma iniciação e uma aprendizagem. (NUNES, 1969, p. 166-167)

Para Riobaldo, Diadorim é seu guia e senhor de suas ações, é o intermediário em seu processo de transcendência e intercedente nas suas tribulações interiores; é, enfim, sua Criança Divina. Sua atração por Diadorim é puro amor autêntico. “Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina...” (ROSA, 1956, p. 50). Riobaldo tenta absorver em si essa figura complexa ao ponto do incompreensível, pois Diadorim concentra tudo aquilo que ele não é, mas que precisa aprender a desenvolver para transcender ao absoluto. Diadorim é projeção de todos os seus desejos e contradições num só objeto.

"Diadorim, meu amor..." Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas - como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só pra mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim - que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. (ROSA, 1956, p. 369)

Na contramão desse sentimento de fascinação, magnetismo e encantamento está Hermógenes, um dos chefes jagunços e objeto do mais rancoroso ódio, pois concentra em seu caráter tudo aquilo que Riobaldo considera desprezível. "O ódio pousa na gente, por umas criaturas. Já vai que o Hermógenes era ruim, ruim." (ROSA, 1956, p.224) Junto de Ricardão, outro chefe, compõe os Judas; são os dois traidores que cometeram o crime imperdoável de assassinato contra Joca Ramiro, chefe que reinava soberano sobre todos os jagunços, considerado um exemplo de sabedoria e justiça, sempre envolto numa atmosfera de superioridade e nobreza. "- 'Não é que ele é mesmo o chefe de todos? Não é que é mandante?' - Diadorim me perguntava. Era." (ROSA, 1956, p. 320) Em tentativa de usurpação e revoltados contra a decisão de Joca Ramiro pelo exílio como a punição de Zé Bebelo depois deste ser derrotado, os Judas cometem o equivalente a um regicídio, com o agravante de que Joca Ramiro era o pai de Diadorim, e, a partir desse fato, a narrativa assume um dos seus grandes motivos para além do amor proibido entre Riobaldo e Diadorim: a guerra para vingar o assassinato do chefe mor, mas, principalmente, a busca de Diadorim, assessorado por Riobaldo, pela justiça.

Hermógenes e Ricardão são, pois, os grandes vilões da trama de *Grande sertão: veredas*, no entanto, Riobaldo concentra toda sua cólera somente em Hermógenes, apesar de ambos terem a mesma participação na traição, sendo um tão culpado quanto o outro. Ricardão não é vítima de críticas com a mesma severidade com que Riobaldo

se direciona a Hermógenes e, de fato, não há na narrativa um só posicionamento recriminador do narrador em relação à conduta e a personalidade de Ricardão, a não ser referindo-se à traição, mas, nesse caso, Hermógenes também é incluído, sendo ele quem assume totalmente as reprimendas. Tal disparidade na maneira de encarar os Judas é motivada pelo filtro moral de Riobaldo, que, de acordo com as enormes diferenças entre os valores e procederes de cada uma das duas personagens, os faz receber tratamentos opostos, sendo um aceito e o outro censurado.

Os dois inimigos são, apesar das distinções, equivalentes em vilania. “O Ricardão e o Hermógenes – eles dois eram chouriço e morcela.” (ROSA, 1956, p. 356) Entretanto adotam diferentes *modus operandi* na prática do Mal. São personalidades opostas, cuja matriz é a violência: por um lado, no caso do Ricardão, mais civilizada e por outro, em Hermógenes, mais primitiva. Ricardão, maquinador e frio, com sua feição de fazendeiro abastado, é o explorador capitalista e Hermógenes, destemperado e sádico, é o assassino bárbaro. Porém, um prepondera sobre o outro: “O Ricardão, no exatamento, era quem mandava no Hermógenes.” (ROSA, 1956, p. 345), e isso prefigura a situação do selvagem em submissão e controle ao civilizado.

Faz-se necessário que as características dos Judas sejam devidamente pormenorizadas. Em relação a Ricardão, são feitas considerações como:

o Ricardão, rico, dono de fazendas, somente vivia pensando em lucros, querendo dinheiro e ajuntando. Diadorim, do Ricardão era que ele gostava menos: – “Ele é bruto comercial...” – disse, e fechou a boca forte, feito fosse cuspir. (ROSA, 1956, p. 235);
“Ele era o famoso Ricardão, o homem das beiras do Verde Pequeno. Amigo acorçoado de importantes políticos, e dono de muitas poses. Composto homem volumoso, de meças. Se gordo próprio não era, isso só por no Sertão não se ver nenhum homem gordo. Mas um não podia deixar de se admirar do peso de tanta corpulência, a coisa de zebu guzerate. As carnes socadas em si – parecia que ele comesse muito mais do que todo o mundo – mais feijão, fubá de milho, mais arroz e farofa –, tudo imprensado, calcado, sacas e sacas.” (ROSA, 1956, p. 340)

Já Hermógenes: "Como era o Hermógenes? Como vou dizer ao senhor..? Bem, em bró de fantasia: ele grosso misturado - dum cavalo e duma jibóia... Ou um cachorro grande." (ROSA, 1956, p. 269); "Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza./ Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo." (ROSA, 1956, p. 225); "O Hermógenes: mal sem razão..." (ROSA, 1956, p. 669); "O Hermógenes: desumano, dronho" (ROSA, 1956, p. 733)."; "Aquele Hermógenes era matador - o de judiar de criaturas filhos-de-deus - felão de mau." (ROSA, 1956, p. 246)

Sinteticamente: "Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim." (ROSA, 1956, p. 41)

Percebe-se uma nítida diferença entre os tons dos trechos selecionados. Com Ricardão, Riobaldo é predominantemente descritivo e suas adjetivações encobrem-no com certa imponência e magnitude, dando a impressão de que se trata de um sujeito poderoso e ambicioso. Constantemente, Ricardão, cujo nome no aumentativo enfatiza sua grandeza, é chamado de Nhô Ricardão, um pronome de tratamento usado por subalternos ao se referenciam a grandes senhores; denominação herdeira dos tempos da escravidão. Todavia, nesses detalhamentos, não há recriminações da parte de Riobaldo, apenas constatações, e o único julgamento moral vem de Diadorim, que desaprova as maneiras do chefe jagunço. Ricardão, afinal, é uma representação do capitalista predatório, sem escrúpulos para atividades criminosas e disposto a qualquer meio para atingir seus objetivos mesquinhos: o acúmulo de bens. Sua violência não é brutal e explícita como a de Hermógenes, é velada e protegida por um sistema que lhe garante poder para explorar, destruir ou reivindicar para si o que é dos outros em benefício exclusivamente seu. Ricardão, agindo por meio do sistema capitalista associado ao banditismo, é, com efeito, um ser entregue ao impulso humano de violência pela busca de poder que, embora legitimado pela civilização, não deixa de ser tão brutal e pernicioso quanto sua manifestação primitiva, sendo, muito pelo contrário, mais livre para explorar o outro e em maiores proporções. Po-

rém, Riobaldo não o repreende em seu modo de ser, já que é relativamente relapso em causas sociais, preocupado que está exclusivamente com seu desenvolvimento pessoal. Por isso, adota uma postura conservadora nesse aspecto, tornando-se, ele mesmo, um grande proprietário de terras e senhor ocioso que, de “range rede”, “especula ideias”, em relativa conivência com as práticas de Ricardão, pois se identifica com ele; embora, é importante relevar, se apresente mais magnânimo e passivo.

Em se tratando de Hermógenes, Riobaldo é incisivo e não dispensa sua mais afiada crítica. Ele deixa bem claro que já o odiava bem antes da traição, a ponto de questionar Diadorim:

Puxei conversa com Diadorim. Por que era que Joca Ramiro, sendo chefe tão subido, de nobres costumes, consentia em ter como seu alferes um sujeito feito esse Hermógenes, remarcado no mal?” (ROSA, 1956, p. 226)

Como já dissemos, e fica claro nos trechos aqui transcritos, o Mal tem encarnação nessa personagem, pois seu comportamento reflete o que há de mais odioso e animalesco no homem segundo a concepção do narrador: a violência bruta desimpedida e executada por prazer.

O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Aí, arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa. Longe é, o Sem-olho. E aquele inferno estava próximo de mim, vinha por sobre mim. (ROSA, 1956, p. 238)

Hermógenes, todavia, apreciava Riobaldo durante o tempo de convivência íntima em que este esteve lutando ao seu lado contra Zé Bebelo, nunca o tendo prejudicado diretamente para ser alvo de tamanha repulsa; de fato, até o punha em sua alta estima.

O senhor entenderá? Eu não entendo. Aquele Hermógenes me fazia agradados, demo que ele gostava de mim. Sempre me saudando com estimação, condizia um gracejo amistoso ou umas boas palavras, nem parecia ser o bedegueba. Por cortesia e por estatuto, eu tinha de responder. Mas, em mal. Me irava. Eu criava nojo dele, já

disse ao senhor. Aversão que revém de locas profundas. Nem olhei nunca nos olhos dele. Nojo, pelos eternos – razão de mais distâncias. Aquele homem, para mim, não estava definitivo. E arre que ele não desconfiava, não percebia! Queria conversa, me chamava; eu tinha de ir – ele era o chefe. Fiquei de ensombro. (ROSA, 1956, p. 245)

O nojo direcionado a Hermógenes é, no fundo, um grande medo do que essa figura obscura representa, pois Riobaldo o iguala ao Diabo: “O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo.” (ROSA, 1956, p. 78); “Esse Hermógenes – belzebu.” (ROSA, 1956, p. 238). Sua repulsa não é voltada à pessoa de Hermógenes especificamente, mas sim ao que Riobaldo projeta nele.

A pessoa que não conhece o próprio self inconsciente projeta nos outros os elementos reprimidos do próprio inconsciente. Responsabiliza-os por seus erros não reconhecidos, criticando-os e condenando-os desta maneira, enquanto permanece, o tempo todo, projetando uma parte inconsciente de si. A consciência de si revela tais projeções e o indivíduo deixa de sentir-se compelido a procurar vítimas para as suas críticas e o seu desprezo. (HALL & NORDBY, 1973, p. 44)

Sendo o Diabo um símbolo do arquétipo de Sombra, podemos concluir que o Hermógenes como Diabo é a projeção do Sombra de Riobaldo que, reprimido no inconsciente, o impede de atingir a integração total de sua personalidade, conforme demanda o arquétipo de Self. Sobre isso Jung nos diz que

Com compreensão e boa vontade, a sombra pode ser integrada de algum modo na personalidade, enquanto certos traços, como o sabemos pela experiência, opõem obstinada resistência ao controle moral, escapando portanto de qualquer influência. De modo geral, estas resistências ligam-se a projeções que não podem ser reconhecidas como tais e cujo conhecimento implica um esforço moral que ultrapassa os limites habituais do indivíduo. [...] Talvez o observador objetivo perceba claramente que se trata de projeções. Mas há pouca esperança de que o sujeito delas tome consciência. (JUNG, 1951, p. 7)

A partir disso, podemos dizer que Hermógenes concentra um

conflito interior da formação psicológica de Riobaldo, representando a relutância em assumir o seu lado violento, selvagem e demoníaco. Por isso, impõe-se como ideia fixa opressora:

Tanto mesmo que eu não queria ter de pensar naquele Hermógenes, e o pensamento nele sempre me vinha, ele figurando, eu cativo. Ser que pensava, amiúde, em ele ser carrasco, como tanto se dizia, senhor de todas as crueldades. No começo, aquilo me corria só os calafrios de horror, a idéia minha refugava. Mas, a pouco, peguei às vezes uma ponta de querer saber como tudo podia ser, eu imaginava. Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! – não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas – e a gente de olhos fechados. (ROSA, 1956, p. 298-299)

Riobaldo nega o demônio e fecha os olhos para não o ver, o que de nada adianta, pois o demônio jaz dentro de si e a resistência em encará-lo é o que impele seu inconsciente a projetá-lo exteriormente em Hermógenes, de modo que essa força da psique seja direcionada de alguma maneira, já que a consciência a recusa. A conduta de Hermógenes, portanto, apresenta-se sedutora a Riobaldo, pois corresponde a um impulso inconsciente muito forte, impedido de manifestar-se por causa da ética de que se serve o protagonista do romance. Riobaldo admite: “Ái-de vai, meu pensamento constante querendo entender a natureza dele, virada diferente de todas, a inocência daquela maldade.” (ROSA, 1956, p. 301) Maldade inocente, pois não proposital e não refletida; pura energia violenta que flui do inconsciente direto para a ação sem qualquer filtro moral.

O medo de Riobaldo em ceder ao seu Sombra é justificado pela brutal potência destruidora desse arquétipo, que exige uma trabalhosa reconstituição da psique para ser assimilado pelo eu consciente que opera no nível da razão.

A luta entre as forças racionais e irracionais da psique não termina nunca. O conflito é um fato onipresente na vida. O importante é descobrir se tais conflitos levarão a um esfacelamento da personalidade ou se eles poderão ser tolerados e suportados. No primeiro caso, a pessoa torna-se vítima da neurose ou da psicose. Ela enlouquece ou se aproxima da loucura. Quando podem ser tolerados, os

conflitos geram a força motriz que leva à realização criativa e confere ao comportamento individual grande vitalidade." (HALL & NORDBY, 1973, p. 46)

A repressão de um aspecto psicológico, em longo prazo, leva à neurose, pois ele pode emergir de maneira dominante e descontrolada, como uma possessão. No seguinte trecho, podemos observar esse receio de Riobaldo:

O Hermógenes – ele dava a pena, dava medo. Mas, ora vez, eu presentia: que do demônio não se pode ter pena, nenhuma, e a razão está aí. O demônio esbarra manso mansinho, se fazendo de apeado, tanto tristonho, e, o senhor pára próximo – aí então ele desanda em pulos e prezares de dança, falando grosso, querendo abraçar e grossas caretas – boca alargada. Porque ele é – é doido sem cura. Todo perigo. E, naqueles dias, eu estava também muito confuso. (ROSA, 1956, p. 302)

O demônio que vem de mansinho é o Sombra em proeminência e a confusão de Riobaldo é resultado desse dilema moral de entregar-se ou negá-lo ou direcioná-lo. Em seu caso, ele inconscientemente nega, encaminhando-o na pessoa de Hermógenes, a quem se incube de destruir para que, na verdade, seu Sombra seja eliminado de uma vez por todas; e a única maneira pela qual enxerga possibilidade de obter êxito é, paradoxalmente, o pacto com Diabo.

O pacto que Riobaldo não tem certeza que fez com o Diabo é um dos acontecimentos-chaves da narrativa; fundamental na formação psicológica da personagem. É graças ao pacto como ritual de passagem que o jagunço poderá individuar alguns aspectos inconscientes da sua psique que se encontram em estado de repressão total ou simplesmente pouco desenvolvidos, pois contrariam a personalidade predominante do seu eu consciente, que é introspectiva e mais marcadamente racional. Isso significa que, a partir da possível entrega de sua alma ao Diabo, Riobaldo terá maiores chances de assumir as facetas obscuras de seu ser, passando, então, por uma mudança radical, indo de um polo comportamental ao outro, e se submetendo a um longo processo de aprendizado para poder individuar seu lado mais extrovertido e, principalmente, seu arquétipo de Sombra.

Mesmo sendo um jagunço, Riobaldo é de natureza predominantemente pacífica e, portanto, avesso à violência; sua postura guerreira é longe da brutalidade de um confronto corpo a corpo, isto é, como atirador a distância graças à sua boa pontaria; o que lhe rende o apelido de Tatarana, lagarta de fogo. Sua inteligência e boa mira colocam-no na estima dos outros, e Medeiro Vaz insinua, enquanto agoniza seus últimos suspiros, que é Riobaldo quem o deve substituir como chefe. Diadorim também o incentiva a assumir o posto de liderança, mas Riobaldo se vê imerso em covardia, incapaz de assumir a responsabilidade de vingar Joca Ramiro contra os Judas, muito porque não se considera páreo a Hermógenes, que tem *pautas* com o Diabo e, ungido pela proteção demoníaca, é invencível.

Todavia, depois de um período conturbado, com a jagunçagem e a vingança da morte de Joca Ramiro sob chefia de Zé Bebelo, Riobaldo começa a esgotar suas energias nas constantes batalhas e, depois do cerco na Fazenda dos Tucanos, um dos períodos mais críticos da guerra, ele assume sua missão em definitivo de acabar com Hermógenes, mas não sem auxílio:

Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do Rio do Chico, na canoa afundadeira. Esse menino, e eu, é quem éramos destinados para dar do Filho do Demo, do Pactário! (ROSA, 1956, p. 511)

A partir desse momento na narrativa, Riobaldo começa a sofrer uma mudança de comportamento gradual que acabará culminando na tentativa de pacto. Antes reservado e fechado em si, limitando-se a obedecer aos mandos dos chefes, começa agora a demonstrar mais expansividade e saliência dentre os jagunços. Como o secretário de Zé Bebelo, o chefe vigente, inteira-se dos seus planos e começa a questionar sua autoridade, concluindo que, afinal de contas, ele mesmo daria um melhor chefe. A crueldade testemunhada no cerco dos Tucanos foi fundamental para essa mudança de atitude, pois a longa convivência com a morte, tanto as que causou aos inimigos quanto as que seu bando sofreu, o impactou de maneira que se sentiu impelido

a agir. É nesse período de instabilidade emocional e desgaste, diante da imagem horrenda de seus companheiros mortos, em estado de putrefação, empilhados pelos cômodos da casa e no estábulo da fazenda em que estão cercados pelo bando de Hermógenes, que seu Sombra, até então reprimida, encontra brecha para tomar conta de sua psique.

Riobaldo, doravante, age impulsionado por esse arquétipo e a respeito disso, Jung informa-nos que

a consciência do eu consegue, pelo menos por algum tempo, reprimir a sombra, com um dispêndio não pequeno de energia. Mas se, por quaisquer motivos, o inconsciente adquire a supremacia, cresce a valência da sombra em proporção com este predomínio, e se inverte, por assim dizer, a escala de valores. Aquilo que se achava mais distante da consciência desperta e parecia inconsciente assume como que um aspecto ameaçador (JUNG, 1951, p. 26-27)

A atitude de Riobaldo para com Zé Bebelo começa a se tornar tensa e hostil, pois, finalmente, ele entra em sintonia para proceder de acordo com a regra de vida jagunça imposta pelo Sertão, de modo que fica mais disposto a encarar seus demônios pessoais. Pela primeira vez na narrativa, Riobaldo assume sua posição de herói e se incumbe da tarefa de eliminar Hermógenes, encarando de uma vez por todas a natureza de seu Sombra. Entretanto, a forma que encontra para levar a cabo seus intentos é controversa, pois considera que para enfrentar o seu inimigo é preciso igualar-se a ele; para combater fogo com fogo, demo com demo. O que o leva fatalmente a vender sua alma ao Diabo, isto é, entrega-se ao arquétipo de Sombra que, depois de tanto tempo em repressão, por compensação psíquica, aflora à consciência, imperando no comportamento do sujeito, fora do seu controle. Depois do pacto, Riobaldo entra em estado de possessão, pois

Quando uma estrutura torna-se muito desenvolvida e conseqüentemente assume uma posição proeminente na psique, tal estrutura tende a se tornar independente e a desligar-se do resto da psique. Agindo à maneira de um governante autocrático, ela se apossa de quantidades cada vez maiores de poder (energia) das outras estruturas, além de monopolizar a nova energia da psique. (HALL &

NORDBY, 1973, p. 62)

De acordo com essa leitura junguiana, o pacto com o Diabo é, portanto, o ritual simbólico por meio do qual Riobaldo inconscientemente liberta seu Sombra da repressão, alçando-o ao consciente.

Jung sempre sustentou que o que é inconsciente não pode ser individualizado; permanece assim num estado não-desenvolvido ou primitivo. Quando rompe as barreiras da repressão, tende a perturbar e desordenar o comportamento da pessoa, chegando mesmo a provocar uma conduta anormal ou perversa. Neste sentido, as funções inconscientes subdesenvolvidas representam uma ameaça potencial para a consciência (HALL & NORDBY, 1973, p. 93)

Nota-se, ademais, que enquanto Riobaldo vocifera na encruzilhada das Veredas Mortas, chamando o Diabo para tratarem-se, ele vai assumindo a sua natureza de Sombra e, assim sendo, já não se faz mais necessária a projeção desse arquétipo em Hermógenes, pois ele agora flui livremente em si mesmo e, sem impedimentos, não precisa mais de um outro para lhe dar sentido.

Do Hermógenes, mesmo, existido, eu mero me lembrava - feito ele fosse para mim uma criancinha moliçosa e mijona, em seus despropósitos, a formiguinha passeando por diante da gente - entre o pé e o pisado. (ROSA, 1956, p. 525)

Depois do pacto Riobaldo passa a ser predominantemente extrovertido e mais atento ao mundo ao seu redor, o que não o impede de, introspectivamente, examinar sua consciência de vez em quando, nos intervalos em que seu Sombra se atenua; porém, dessa vez, com menos profundidade, em oposição ao que se dava antes do pacto, quando imperava sua introspecção e suas atitudes extrovertidas eram tímidas. Contudo,

Jung salienta que todo estado extremo contém secretamente o seu oposto e que ocorre com frequência uma súbita conversão de um valor muito dominante no seu contrário. Isto significa que uma pessoa com um complexo de poder muito forte é suscetível de se tornar de repente muito subserviente e submissa. (HALL & NORDBY, 1973, p. 62)

A essa inversão drástica de conduta por compensação dá-se o nome de *enantiodromia*. No caso de Riobaldo, subserviente e indolente por muito tempo, com a emersão de seu Sombra, ele passa a ser consumido por um complexo de poder que o leva a reivindicar para si o posto de chefe, destituindo Zé Bebelo pela intimidação e matando a sangue frio dois insurgentes, o Rasga-em-Baixo e seu irmão José Félix, com indiferença e sem o menor escrúpulo, para se assegurar definitivamente. Todos o saúdam como novo chefe, inclusive Zé Bebelo, que o rebatiza. Riobaldo, no fundo, guarda admiração por ele, já que foi quem lhe serviu de mestre no que se refere à vida guerreira, e aceita envaidecido a nova alcunha.

- 'Mas, você é outro homem, você revira o Sertão... Tu é terrível, que nem um urutú branco...'/ O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu. Os todos ouviram, romperam em risos. Contanto que logo gritavam entusiasmados:/ - 'O Urutú-Branco! Ei, o Urutú-Branco!...'/ Assim era que, na rudeza deles, eles tinham muita compreensão. Até porque mais não seria que, eu chefe, agora ainda me viessem e dissessem Riobaldo somente, ou aquele apelido apodo conome, que era de Tatarana. Achei, achava. (ROSA, 1956, p. 545)

A mudança de nome é extremamente significativa, pois representa a mudança da personalidade do indivíduo. Já no cerco dos Tucanos, quando Riobaldo demonstra algumas alterações, o nome aparece vindo de Zé Bebelo: "- 'Tu é tudo, Riobaldo Tatarana! Cobra voadeira...' [...] 'Ah: o Urutú-Branco: assim é que você devia de se chamar...'" (ROSA, 1956, p. 425) A cobra voadeira, o réptil alado, é um símbolo muito forte a respeito daquilo que deve ser derrotado para atingir nossos objetivos. É comum em lendas e mitos a presença do inimigo contra o herói ser uma criatura como o dragão, que une o lado ctônico e de sangue frio das criaturas reptilianas essencialmente terrestres e o lado elevado e gracioso das criaturas aladas. Apresenta-se, então, ao lado do já citado buriti, como outro símbolo de união entre céu e terra, paraíso e inferno, dessa vez como inimigo a ser aba-

tido, como aquele que se impõe ao herói como grande obstáculo, impedindo-o de transcender.

Da mesma forma que a maioria dos indivíduos não tem consciência da própria sombra, assim também a serpente corresponde ao totalmente inconsciente e incapaz de atingir a consciência; este fator, no entanto, possui, como inconsciente coletivo e como instinto, uma sabedoria própria e um conhecimento considerados, frequentemente, como sendo de caráter sobrenatural. É este o 'tesouro' que a serpente (ou o dragão) guarda, e, ao mesmo tempo, o motivo pelo qual estes significam, de uma parte, o mal e a tenebrosidade e, de outra, a sabedoria. Sua falta de relação, sua frieza e periculosidade expressam o mundo dos instintos que passam inexoravelmente e com toda a crueldade e desconsideração por cima dos desejos e preocupações humanos morais, causando por isso mesmo um efeito ao mesmo tempo terrificante e fascinador (JUNG, 1951, p. 223)

No caso de Riobaldo, ele mesmo torna-se seu inimigo, simultaneamente guarda em si o conflito entre o herói e o dragão, que nada mais é do que uma representação simbólica, a projeção mítica, do processo interior de individuação de Sombra. Nessa leitura, não é sem propósito que *Grande sertão: veredas* termine, justamente, com o símbolo do eterno retorno: o *ouroboros*, a serpente que morde a própria cauda, a Sombra que se devora nos *refolhos* do homem. A serpente é um símbolo universal para representar esse dilema central no desenvolvimento humano, ela guarda em si uma natureza ambivalente de sabedoria e perigo, que fascina e seduz, geralmente, apresentando-se associada às posições de poder, como a de chefe jagunço a que Riobaldo alça, assim como também se associa à gênese do Mal no mundo, de acordo com o mito cristão, e, portanto, ao Diabo. Enfatiza-se que a caracterização de Hermógenes também está dentro desses moldes arquetípicos do Mal, citando Davi Arrigucci:

a soma insólita e grotesca de dois animais muito apartados na esfera da realidade: o cavalo e a jiboia, enlaçados em mistura esdrúxula, na qual a irrupção do elemento demoníaco parece aflorar da profundidade ctônica e arcaica da terra para penetrar nas dobras do homem. (ARRIGUCCI, 1994, p. 14)

A partir do pacto, Riobaldo está completamente entregue ao Diabo e ao Mal, sendo Diadorim a presença que constantemente o alerta para o perigo das forças a que está se rendendo.

- 'Ah, não! Ah, você acha que eu careço de suas rezas orações, por minha ajuda, Diadorim?'/ - 'Acho, de manhã à noite, Riobaldo... Demais. Nem sei mesmo se alguém te botou o malefício...'" (ROSA, 1956, p. 599)

Consequentemente, o chefe jagunço Urutú-Branco entra num período de aprendizagem para controlar os seus ímpetos demoníacos e passa por grandes dilemas morais, chegando a certa altura cogitar matar um inocente só porque tinha poder para isso, mas é impedido por Diadorim. A Criança Divina de Riobaldo, mesmo enfraquecida diante da Sombra, ainda consegue se fazer notar para dar orientações, de modo que o chefe não se desvirtue de seus verdadeiros objetivos que é, na verdade, acabar com o Mal, que circula solta na figura de Hermógenes, para atingir a transcendência, sacralizar-se rumo à consciência do absoluto; enfim, integrar-se.

Jung, em referência à figura de Cristo, ressalta que

A imagem divina do homem não foi destruída pelo pecado, mas apenas danificada e corrompida ('deformada'), e será reconstruída pela graça divina. O âmbito da integração é indicado pela 'descensus ad inferos', descida de Cristo aos infernos, descida cujos efeitos redentores abrangem inclusive os mortos. O seu equivalente psicológico é a integração do inconsciente coletivo, parte constitutiva e indispensável da individuação (JUNG, 1951, p. 37)

A descida ao inferno é fundamental para o homem conhecer suas profundezas, mas a visão clara de seus propósitos elevados é ainda mais importante, pois só assim é possível dominar as próprias forças demoníacas. Como consequência positiva, Riobaldo ganha maior engajamento social e acaba contribuindo para derrubar o sistema jagunço que brutalizava o Sertão ao derrotar os Judas. É graças ao pacto que a segunda tentativa de travessia do Liso do Suçuarão para atingir o ponto fraco do Hermógenes torna-se possível, pois Riobaldo caminha por ele levando consigo todo o seu bando com a familiaridade de quem não se abala mais diante do seu inferno pessoal.

Sem a consciência de Sombra, entretanto, não se dá a transcendência e quando Riobaldo começa a exercer maior controle sobre seu comportamento mal, muito por causa da intervenção de Diadorim e depois da experiência de atravessar o Liso, já lhe é visualizável o aspecto transcendente do seu pacto. Na seguinte passagem temos essa revelação, que se torna cognoscível somente depois de findas todas as batalhas:

E um sitiante, no Lambe-Mel, explicou – que o trecho, dos marimbús, aonde íamos, se chamava mais certo não era Veredas-Mortas, mas Veredas Altas... Coisa que Compadre meu Quelemém mais tarde me confirmou. Daí, mais para adiante, dei para tremer com uma febre. Terçã. (ROSA, 1956, p. 741)

O choque de Riobaldo ao saber que o local do seu pacto, as Veredas-Mortas, chamava-se, de fato, Veredas Altas, é significativo para sintetizar a impressão que se tem diante da ambivalência entre o Deus e o Diabo como forças latentes no homem, sendo, pois, o pacto um meio assessorado pelo demoníaco de se alcançar o divino, ou seja, um fenômeno marcado pela relação de interdependência entre o empírico e o transcendente. Dessa forma, Riobaldo é superior a Hermógenes, um ser irracional de puro Sombra, no sentido de ser mais completo, pois tem consciência mais ampla sobre si mesmo e mais traços da psique individuados. Riobaldo não se prende ao Mal do pacto, mas faz uso dele com o propósito de justamente derrotar o Mal representado na figura de Hermógenes para, dessa maneira, vingar a morte do pai de Diadorim. Motivado pelo companheiro fiel, Riobaldo vê-se no caminho certo e acerta a justiça em seus atos.

Mas, enquanto isso, saiba o senhor o que foi que fiz! Que fiz o sinal-da-cruz, em respeito. E isso era de pactário? Era de filho do demo? Tanto que não; renego! E mesmo me alembro do que se deu, por mim: que eu estava crente, forte, que, do demo, do Cão sem açamo, quem era ele – o Hermógenes! Mas com o arrojo de Deus eu queria estar; eu não estava?! (ROSA, 1956, p. 683)

Nesse trecho, nota-se que ele não nega mais o demônio, pois se reconhece pactário, fatalmente, carregando o Diabo consigo, o que

não o impede de, a partir daí, pender suas vontades para o lado de Deus.

Ao final da narrativa, na batalha do Tamanduá-tão, a peleja definitiva, Riobaldo já está com maior controle firmado sobre seu Sombra e derrotar Hermógenes representa a individuação do seu arquétipo do herói, que é o alçamento da sua própria figura ao nível do mito, cujas lendas sobre seus feitos serão para sempre lembrados em celebração. Torna-se um exemplo moral, um modelo a ser seguido pelo homem comum para extrapolar a sua vida ordinária e, por meio da narração, da transmissão de suas histórias, eterniza-se.

Nota-se, entretanto, que o aspecto mítico que permeia a figura de Riobaldo não é simplesmente divino, mas também demoníaco, pois Riobaldo não é um herói tradicional que se limita a ser símbolo da mais pura bondade, ele é um herói complexo e moderno que, dentre os seus maiores feitos, está, essencialmente, a tomada de controle do próprio ser, o que implica enfrentar seus próprios demônios e oscilar entre o Bem e o Mal. Diante dessa situação, há uma certa relutância de sua parte em considerar-se, de fato, um herói, pois, diante de suas crises interiores e do seu processo conturbado de formação, seus feitos heroicos, embora grandiosos, não lhe parecem tão expressivos quanto foi a travessia pelos seus dramas pessoais, e isso se deve à sua natureza introspectiva que prioriza a complexidade do próprio ser em detrimento dos seus feitos em sociedade. No seguinte diálogo, bem no final do romance, depois de todas as batalhas terminadas, em que Riobaldo reencontra Zé Bebelo, vemos uma recusa pela fama de seus atos como chefe jagunço: " - 'Lá eu quero deduzir meus feitos em jornal, com retratos... A gente descreve as passagens de nossas guerras, fama devida...' 'Da minha, não senhor!' - eu fechei. Distrair gente com meu nome..." (ROSA, 1956, p. 747) Isso ocorre porque Riobaldo opta pelo reconhecimento de suas vitórias pessoais e de seus dramas particulares, justamente o foco do relato que acompanhamos na leitura do romance. Sua prioridade é no autoconhecimento, sendo herói na devoção a esse esforço. Em todo caso, a leitura de *Grande sertão: veredas*, com esse aporte profundamente existencialista, mas também épico, é dotada do efeito dito por Jung como *encantamento mágico*, pois

seu universo simbólico questiona a essência do que representa ser humano e, em função disso, não é possível passar pela narrativa invulnerável aos dilemas de Riobaldo, já que são os mesmos que os nossos.

Acompanhando o processo de amadurecimento de Riobaldo, sabemos que tão relevante quanto a rixa com Hermógenes para a formação de seu ser é o amor que sente por Diadorim, que, como Criança Divina, deve orientar o herói pela sua jornada, encorajando-o a enfrentar seus desafios, mas, todavia, fadado ao sacrifício no final. Associada à Criança Divina está, portanto, a figura do mártir, que se entrega de corpo e alma em prol de uma causa e cujo aniquilamento marca o reavivamento ou o definitivo sucesso da missão a que teve incumbência. O amor que Riobaldo lhe tem é o motivador de que necessita para dominar os ímpetus demoníacos que jazem em si, de modo que os use em direção aos propósitos divinos de transcendência.

Retornando ao Tamanduá-tão, de dentro do sobrado, protegido, Riobaldo observa *O diabo na rua, no meio do redemunho...* Diadorim e Hermógenes digladiam-se numa sangrenta briga de faca, que culmina na morte dos dois. É o clímax de sua constituição como sujeito, quando os mais fortes aspectos da sua psique projetados vêm à tona: *o Self luta com a Sombra pelo centro do eu consciente*. Com projeções de uma psique arrevesada pela antinomia como marca de seu ser, o fim de Hermógenes representa o controle sobre o aspecto mais bárbaro e brutal da natureza de Riobaldo e o fim de Diadorim representa o sucesso de sua missão, que era a de levar o seu companheiro jagunço pela travessia da vida em segurança, auxiliando-o no seu momento mais crítico: o enfrentamento de Sombra para alertá-lo de seu aspecto divino.

Observando que muitas das especulações metafísicas de Riobaldo encontram suporte no âmbito das representações mitológicas, procuramos, neste trabalho, estabelecer as relações entre os símbolos e superstições acatados pelo ex-jagunço com as experiências, os afetos e os dilemas morais que lhe foram fundamentais à formação da sua personalidade. Utilizamos da psicologia analítica junguiana, pois esse viés nos permitiu explorar mais satisfatoriamente a riqueza do

DEUS OU O DEMO - PARA O JAGUNÇO RIOBALDO: UM VIÉS PSICOLÓGICO EM "GRANDE SERTÃO: VEREDAS"

universo imagético complexo que permeia o relato do protagonista de *Grande sertão: veredas* sobre a própria vida. Nosso recorte temático debruçou-se sobre as grandes figuras, aparentemente dicotômicas, de Deus e do Diabo, encarando-os como símbolos de forças e conflitos imanentes à natureza humana que direcionam a formação do sujeito, cujas projeções no romance permitiram-nos especular sobre os processos psicológicos em que o amadurecimento do protagonista esteve submetido. Concluímos que a travessia de Riobaldo pelo Sertão identifica-se com o trabalho de integração total da psique impulsionado pelo arquétipo de Self, sendo a individuação e assimilação do arquétipo de Sombra o evento crucial e mais conturbado do desenvolvimento pessoal rumo à transcendência, que é o estado de expansão máxima da consciência. A leitura apoiada nos conceitos de Jung mostrou-se profícua no deslindamento dos mistérios que envolvem os profundos questionamentos de Riobaldo. Todavia, o Sertão permanece inesgotável para quem quiser conhecê-lo; eis aqui a sugestão de apenas um dos muitos caminhos possíveis.

SILVA, L. S. F. Deus ou o demo - para o jagunço Riobaldo: um viés psicológico em *Grande sertão: veredas*. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 203-231, 2018.

GOD OR DEVIL - TO THE JAGUNÇO RIOBALDO: A PSYCHOLOGICAL VIEW ON "GRANDE SERTÃO: VEREDAS"

ABSTRACT: This article proposes a critical analysis of the novel *Grande sertão: veredas* (1956), by João Guimarães Rosa, supported in the Jung's psychological approach, specifically focusing on the psychoanalytic motivations that leads the former *jagunço* Riobaldo, main character of the work, to unconsciously represent, during his autobiographical report, God and Devil as symbols of the consolidation process of his own character.

KEYWORDS: Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*; metaphysics; psychoanalysis; C. G. Jung;

Referências bibliográficas

ARRIGUCCI, D. *O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa*. In: Revista Novos Estudos CEBRAP, 40. São Paulo, novembro, 1994. p. 7-29.

SILVA, L. S. F.

CANDIDO, A. (1964). O homem dos avessos. In: _____. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 111-130.

CANDIDO, A. Antonio Candido. In: NAME, Leila (Direção editorial). *Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 17-29.

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. (1973) *Introdução à psicologia junguiana*. São Paulo: Cultrix, 2014.

JUNG, C. G. (1951). *AION: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petropolis: Vozes, 1982.

NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: _____. *A viagem*. In: _____. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. p. 143-179.

ROSA, J. G. (1956). *Grande Sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RÓNAI, P. Três motivos em Grande Sertão: veredas. In: ROSA, J. G. (1956). *Grande Sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 19-25.